

Contagem regressiva para os alunos da rede pública

Maioria das escolas está pronta para as aulas, mas algumas realizam obras

FLÁVIA RIBAS E
WELLTON MÁXIMO

Dois dias antes da volta às aulas na rede pública de ensino, a maioria das escolas toma as últimas providências para receber os alunos. Há, porém, algumas onde os alunos terão de começar o ano de forma improvisada.

Ontem, houve a apresentação dos professores. Dos 375 novos profissionais contratados para integrar o efetivo de 45 mil professores do corpo docente, 280 já tomaram posse. Mas só a partir de quinta-feira, quando as Gerências Regionais de Ensino já tiverem feito o balanço, se saberá quantas contratações provisórias ainda serão necessárias. Na Regional da Ceilândia, que conta com mais de 8 mil professores, estima-se, por enquanto, a necessidade de 76 contratações temporárias — um número baixo, segundo a gerente Ana de Fátima Dias.

O número de alunos até agora é de 454 mil, mas as matrículas só serão encerradas em março. A expectativa da Secretaria de Educação é atingir aproximadamente o mesmo número do ano passado, ou seja, 560 mil.

De acordo com a secretária de Educação, Maristela Neves, 65 escolas passaram por reformas estruturais e muitas tiveram pequenos reparos de manutenção. No Centro de Ensino Fundamental 12, do Setor O, as paredes foram recém-pintadas. "Passamos o recesso todo trabalhando", diz a diretora, Ana Lúcia.

Ao todo, 451 escolas passaram por melhorias, como pintura, reformas de móveis e capinagem. "Pouca gente tem noção do quanto é grande a rede de ensino do DF. Sempre

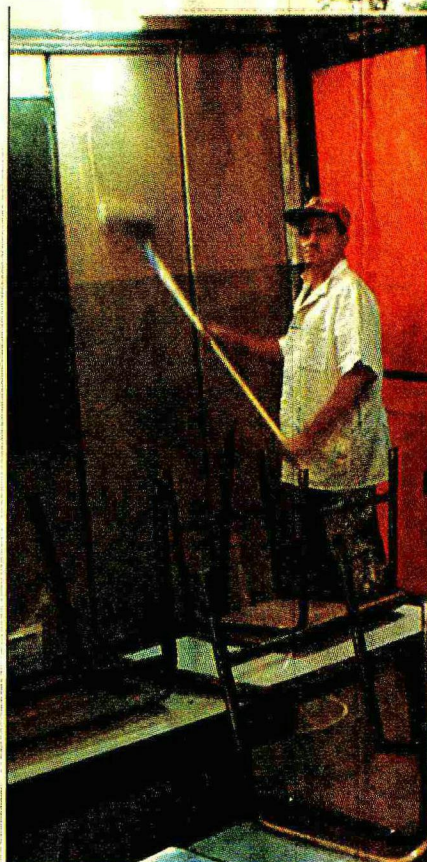
há problemas, mas eles são localizados", diz a secretária.

EM OBRAS — Entre os problemas, estão as escolas que ainda não ficaram prontas. No dia marcado para a volta às aulas, os alunos serão remanejados temporariamente para outros estabelecimentos.

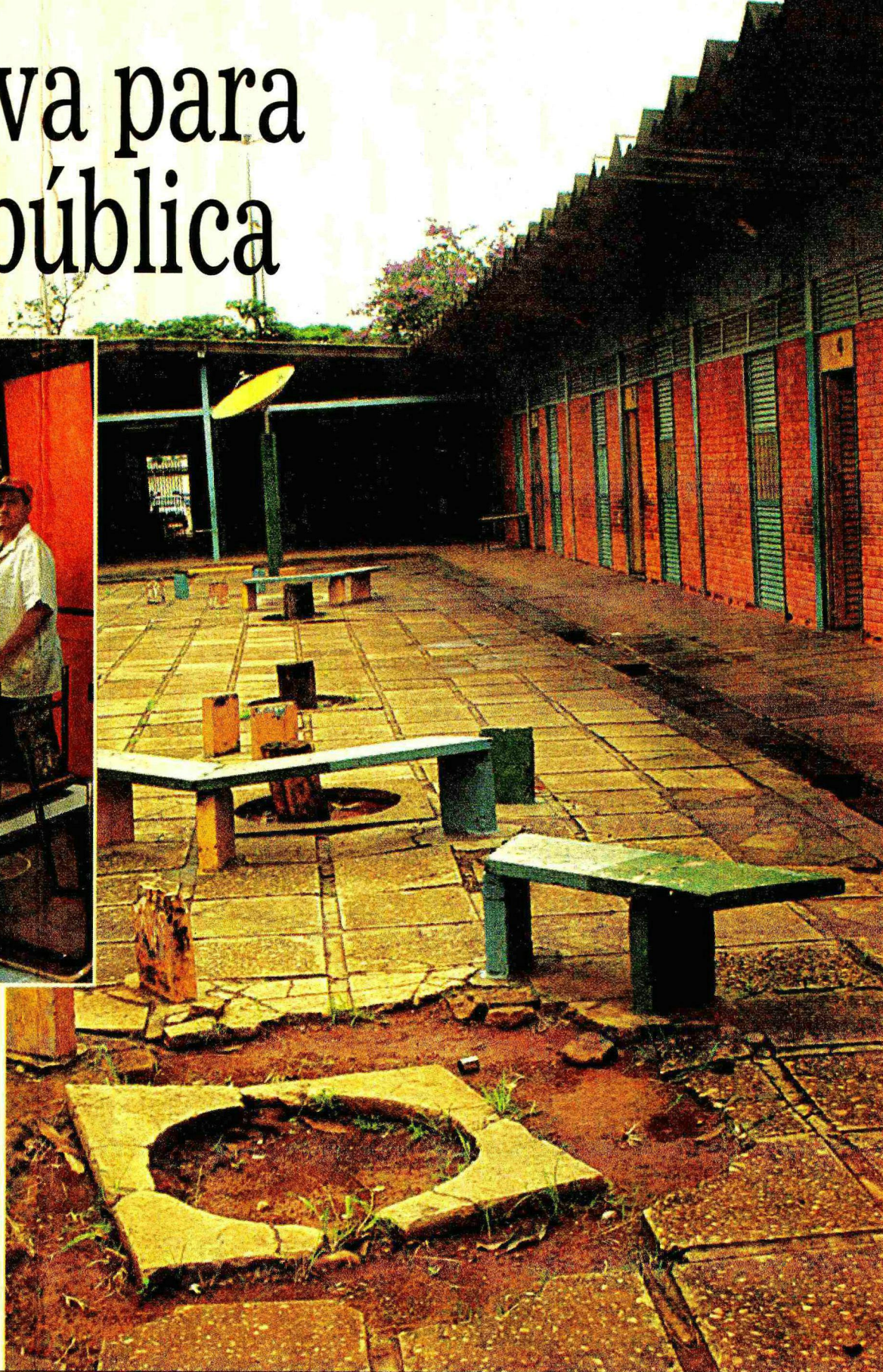
Em Santa Maria, por exemplo, os alunos da Escola Classe 416, correm o risco de passar os primeiros dias no Caic da Quadra 315. As obras de mudança do telhado, iniciadas em janeiro, não foram concluídas. A escola sofre com alagamentos há dois anos. A rede elétrica ficou comprometida. Já está quase reformada, mas falta o novo telhado, para que as chuvas não danifiquem novamente os fios. Se o problema não for resolvido até quinta-feira, haverá uma programação alternativa no Caic. "Vamos fazer circuitos pedagógicos com pequenos grupos de alunos", explica a diretora Mônica Cavalcante. Nos três turnos escolares, 1,3 mil alunos estudam na Escola Classe 416.

O Centro de Ensino Fundamental 1 do Paranoá também está em obras até o dia 29. Os alunos terão aulas na Escola Normal, na Asa Sul, até que os reparos acabem — e a chuva está atrapalhando as reformas. Os alunos devem se somar aos os cerca de 30 mil que utilizam o transporte escolar com recursos da Secretaria de Educação.

A Escola Normal também deverá passar por uma reforma geral ainda este ano. Outras 62 unidades serão reformadas ao longo de 2004. A Escola Classe da 113 Norte, onde dois jovens foram agredidos por gangues no final de 2003, foi desativada.



Na volta às aulas, quinta-feira, a maioria dos alunos deverá encontrar as salas de aula reformadas, mas em várias escolas os reparos não foram realizados ou não terminaram



Ordem é manter aluno em sala

Para evitar a evasão escolar em caso de escassez de professores, a estratégia deste ano, segundo a secretária Maristela Neves, é manter sempre os alunos em sala. "Se faltar professor no primeiro dia, a orientação é não mandar os alunos voltarem para casa e alguém da direção assumir o controle", explica.

Para o diretor de Administração do Sindicato dos Professores do DF, Nelson Moreira Sobrinho, se faltarem professores no primeiro dia de aula, a causa será a desorganização da secretaria. "Para nós, docentes, a primeira semana é uma preparação pedagógica, de discussões sobre os planos do semestre. A secreta-

ria faz a distribuição de cargas, para identificar as carências e demandas. Em alguns lugares, sobram professores", afirma Nelson.

A única ressalva do sindicato é em relação ao Plano de Carreira, que ainda não foi sancionado pelo governador. Aprovado no ano passado e publicado no *Diário Oficial*

da Câmara Legislativa no dia 21 de dezembro, o plano ainda não entrou em vigor. "Se não tivermos uma resposta até o dia 1º de março, alguma providência terá de ser tomada pela categoria", avisa. "Não gostamos de greve, mas também não nos agrada quando nossas reivindicações não são atendidas".

Eterna fila pelo passe

ADELCIANO NETO

Na próxima quinta-feira, os alunos da rede pública de ensino voltam às aulas no DF, mas para pelo menos 95 mil que moram a mais de um quilômetro da escola e dependem de transporte coletivo a data também marca o início de uma via-crúcis para a aquisição do passe estudantil. Para adquirir o direito de pagar um terço do valor do bilhete integral, o aluno ou responsável precisa comparecer a um dos oito pontos de venda das empresas — quatro deles na Rodoviária do Plano Piloto — pelo menos três vezes.

Na primeira oportunidade, o estudante entrega uma declaração de matrícula e recebe um formulário. Depois de preenchido com dados pessoais, o documento é devolvido à empresa, que tem sete dias para checar as informações. Se tudo estiver correto, os passes são vendidos uma semana depois. O processo leva no mínimo dez dias. Para os trajetos em que a passagem custa R\$ 2,50, os passes são vendidos por R\$ 0,84 e por R\$ 0,54, onde o bilhete integral vale R\$ 1,60.

No ano passado, 130 mil estudantes das redes pública e particular de ensino utilizaram o benefício. De acordo com dados do Transporte Urbano do DF (DFTrans), a venda de passes estudantis representou 4,3% do faturamento total das empresas de

transporte público da cidade. No total, a compra dos bilhetes rendeu R\$ 11,3 milhões, ante uma receita global de R\$ 260 milhões do sistema convencional.

BUROCRACIA — O benefício aos estudantes é regulado pelo decreto do Executivo nº 23.914/03, que estabelece as normas de acesso e utilização dos passes. No entanto, a maioria dos usuários do sistema reclama da burocracia, do rigor das empresas no controle e da falta de fiscalização contra eventuais abusos.

"As empresas sempre encontram uma forma para atrasar a venda dos passes", reclama Juliana Gomes, 16 anos, que utiliza a linha 252, da Planeta, para ir do Gama ao Elefante Branco. "Além disso, as filas são imensas", acrescenta. Para a dona de casa Márcia Burégio, 49 anos, o maior problema é o grande número de visitas necessárias aos guichês das empresas para a compra dos bilhetes.

"O tempo perdido e o dinheiro gasto são estratégias para desestimular a busca do direito", analisa ela, que compra os passes para o filho Rubens ir de Santa Maria ao Elefante Branco.

Segundo um funcionário do DFTrans que trabalha na Rodoviária, mas preferiu não se identificar, as reclamações sobre as vendas dos passes aumentam muito no início de cada ano letivo.



As empresas atribuem as filas à necessidade de renovar o cadastro dos alunos a cada ano letivo

Exigências das empresas dificultam fraudes

Na opinião de Ana Barbosa, responsável pelo controle do sistema de passe estudantil do Sindicato das Empresas de Transporte Público (Setransp), o excesso de exigências é um instrumento dos grupos para redução de fraudes. "As irregularidades podem ocorrer em todo o sistema, por isso precisamos nos cercar de todos os meios", justifica. "Além disso, quem utiliza o passe corretamente e segue as orientações para aquisição jamais tem problemas", completa.

Segundo ela, os casos mais frequentes de má-fé ocorrem

com o fornecimento de dados falsos e uso irregular do benefício. O problema das filas no início das aulas, Barbosa acredita ao fato de que, a cada ano letivo, é preciso ser feito um novo cadastro. "Não aproveitamos os dados do ano anterior. Por isso, precisamos dos sete dias para analisar os dados fornecidos", comenta.

Do mesmo modo dos vale-transporte, os passes estudantis são quase uma moeda paralela na cidade. Na Rodoviária do Plano Piloto, por exemplo, é possível pagar R\$ 0,84 por um bilhete de um trecho onde a tarifa integral custa

R\$ 2,50 e revendê-lo por R\$ 1,80 para um atravessador, embolsando R\$ 0,96. Além disso, as empresas alegam que alguns estudantes utilizam o benefício para fazer lanche nas escolas.

PUNIÇÃO — O problema é detectado quando mais de quatro passes de um mesmo estudante são arrecadados no mesmo dia. Nesse caso, as vendas podem ser suspensas por até 60 dias e a volta do benefício requer outra maratona entre escola, empresa e, em alguns casos, DFTrans.

Na Câmara Legislativa,

tramita uma série de projetos que tratam do sistema de transporte coletivo. Um deles, de autoria de Augusto Carvalho (PPS), prevê a criação de um sistema interligado à Secretaria de Educação e das empresas de transporte. O objetivo é que, ao invés dos passes de papel, o sistema utilize cartões magnéticos.

"Dessa forma, a possibilidade de fraude se tornaria bem reduzida", argumenta o autor da proposta. Porém, para a ideia sair do papel, é necessário mudança em todo o sistema de transporte, que não tem data para ocorrer.

FRANCISCO STUCKERT

BUROCRACIA

- Para pleitear a compra de passes é preciso levar declaração escolar à empresa
- Requisitar e preencher dois formulários com dados pessoais
- Carimbar os formulários na escola e devolvê-los à empresa, com cópias da identidade ou certidão de nascimento, e de uma correspondência que ateste o endereço residencial. Além disso, é preciso apresentar os originais
- Depois da análise dos dados, a primeira compra ocorre no prazo de sete dias